



FAUST

Capítulo I: O Mundo Antes da Queda

PT

Na maquinaria celestial do paraíso e no silêncio sufocante do túmulo de um erudito, uma aposta é selada e uma mente se abre — o desespero intelectual de Faust torna-se o motor de tudo que virá.



Antes de Fausto respirar seu primeiro suspiro torturado no estudo abaixo, a aposta cósmica já foi selada. Deus e Diabo não se encontram em trovão, mas numa sala de estar da eternidade — Mefisto recostado com a facilidade de quem observou o fracasso humano em cada era, os anjos cantando seu louvor antifonal paciente, o Senhor serenamente certo do que a fome inquieta do erudito agitado revelará por fim. A aposta não é sobre condenação. É sobre se o próprio esforço — cego, insaciável, magnífico — constitui uma forma de fé. Mefisto aposta na ruína. Deus aposta no alcance. A diferença entre eles não é poder, mas paciência. Fausto, alheio em sua torre de livros abaixo, já se tornou o palco de um argumento antigo ao qual não lhe foi pedido que se juntasse. Céu e Inferno concordam em uma coisa apenas: que sua alma não pertence a nenhum deles — até que ele escolha.



Mefisto não chega no céu com fogo e ultimato. Ele chega com um sorriso cínico e um argumento — o eterno contraditor, o espinho que torna o jardim de rosas honesto. Seu desprezo por Fausto é uma performance: o que ele verdadeiramente oferece é uma aposta que ele já acredita ter vencido. Ele observou mil estudiosos quebrarem na roda do conhecimento-sem-sabedoria. Ele viu o padrão. Ele conhece a fome. O que ele não calculou — o que ele não pode calcular — é que a fome em si mesma poderia ser o ponto. Os anjos continuam cantando, imperturbados. O Senhor escuta, despreocupado. E Mefisto, brilhante e equivocado, caminha pelo chão do céu como um vendedor prestes a perder a única venda que jamais importou.



Os livros tornaram-se as paredes de uma prisão que o prisioneiro construiu para si mesmo. Fausto dominou a teologia, a filosofia, o direito e a medicina — quatro reinos da verdade herdada — e permanece diante do tesouro acumulado do pensamento humano sabendo apenas que nada sabe que importe. Os instrumentos capturam luz pálida e o ridicularizam. Os astrolábios medem distâncias que ele não pode atravessar. Os crisóis reduziram tudo a cinza. Este é o momento anterior ao pacto, o momento anterior à queda: ainda não desespero, mas algo pior — o reconhecimento lúcido de que o conhecimento sem contato é um cadáver belo. Ele não se revolta. Permanece entre seus livros como um homem permanece em uma casa que superou: medindo as paredes, compreendendo enfim que o único caminho adiante passa por elas.



A lareira atrás dele está se extinguindo. Os manuscritos diante dele estão mortos. Faust está de pé nos escombros de uma vida inteira dedicada à busca pela compreensão, e o que encontrou é a forma daquilo que não pode alcançar. Ele não fracassou. Ele sucedeu completamente — e essa é a crise. Cada pergunta que respondeu abriu outras três, cada uma mais profunda e menos respondível que a anterior. A fome que o impelia aos seus livros foi alimentada apenas o suficiente para se tornar ainda mais voraz. Ele deseja contato com o real — escaldante, imediato, face a face — não mediado pelo véu da fórmula morta de outro homem. A sala se sente assombrada por tudo aquilo que ele falhou em compreender. O pacto que o aguarda ainda não é visível. Mas as condições para ele já estão perfeitamente montadas.



A manhã de Páscoa força-se através das paredes de um quarto que não conhece primavera há anos. Os sinos não pedem permissão. Não oferecem consolo nem teologia — apenas o fato bruto e animal de que algo se move, que o mundo sobreviveu a outro inverno, que coisas verdes despertam novamente sem sua assistência ou aprovação. Por um único momento, de pé no estudo selado com sua taça de veneno já preparada, Fausto ouve os sinos e hesita. Não porque acredite. Porque se recorda de ter acreditado — e na lacuna entre o homem que era e o homem que se tornou, algo se fratura apenas o suficiente para deixar a luz passar. Ele não se levanta para se juntar à procissão. Mas não morre hoje. Isso é suficiente. Essa hesitação é tudo.



Ele traça o círculo e invoca aquilo a que não tem direito de invocar. O Espírito da Terra emerge — não como resposta à sua pergunta, mas como a própria pergunta feita visível: uma presença tão vasta, tão inteiramente indiferente ao seu gênio, que seu intelecto — outrora seu orgulho, sua armadura, sua identidade — torna-se, num instante, um passivo. O espírito não lhe fala como um igual. Fala do modo como o tempo fala: sem malícia, sem endereçamento, sem qualquer reconhecimento de que seu sofrimento é interessante. Ele recua. O espírito se retira. Os livros ao seu redor parecem, pela primeira vez, teatrais — cenários pintados de uma peça que ele não tem mais certeza de compreender. Ele tocou em algo real. E o que lhe foi ensinado é a distância desproporcional entre o que é e o que desejava ser.